

V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica
23 a 25 de julho de 2017, UnB, Brasília (DF)

GT 12 Teorias e métodos para pesquisas sobre ensino de sociologias

Da experiência à percepção: o papel dos métodos das ciências sociais na
educação básica de Uberlândia

Anna Carolina Alves Cruz
Leo da Cruz

Universidade Federal de Uberlândia - MG

Resumo

A partir da experiência vivida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), Subprojeto Sociologia¹, da Universidade Federal de Uberlândia na Escola Estadual do Bairro Jardim das Palmeiras e Escola Estadual Antônio Luís Bastos, apresenta-se algumas das ações que foram realizadas nessas instituições de ensino e seus respectivos resultados. Nesse sentido, o escopo do trabalho é expressar o viés etnográfico do encontro entre diferentes sujeitos presentes no processo educativo de escolas públicas da rede estadual de ensino de Minas Gerais. O objetivo é apontar de que maneira os métodos da antropologia e sociologia podem contribuir na construção pedagógica da educação. Diante disso, por meio do olhar participativo, do ouvir e do escrever, conforme Roberto Cardoso de Oliveira (1996) foram feitas intervenções pontuais buscando nos alunos as formas e hábitos que expressam o seu universo simbólico e material. Dessa experiência do diverso, promovido pela vivência educacional, criaram-se práticas e estratégias para o aperfeiçoamento e diagnóstico da realidade contextual da escola e dos alunos.

Palavras-chaves: Ciências Sociais, Educação básica, Métodos, PIBID.

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) tem por escopo estimular a formação de professores para a educação básica buscando integrar a Educação Superior com a Educação Básica por meio de projetos de cooperação que aumentem a qualidade do ensino nas escolas da rede pública. Promove experiências metodológicas e práticas docentes que usufruem de tecnologias, proporcionando ações inovadoras e articuladas com a realidade do aluno e da escola.

Desse modo, possibilita o aprendizado mútuo dos graduandos e dos estudantes do ensino médio. As ações que serão aqui elencadas foram desenvolvidas no período de fevereiro de 2010 a julho de 2012 na Escola Estadual Antônio Luís Bastos (EEALBA) e de 2010 a 2010 na Escola Estadual do Bairro Jardim das Palmeiras (EEBJP).

¹ No Edital do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), o nome do subprojeto era Sociologia, mas faz-se importante ressaltar que, no edital de 2014, ele teve sua nomenclatura alterada para Ciências Sociais.

As atividades iniciais das duas referidas escolas consistiram em realizar mapeamentos das escolas e dos Bairros em que elas se encontram. Através da pesquisa de campo, efetuou-se o mapeamento da estrutura física delas e humana dos bairros. Para isto, foram pesquisados dados na biblioteca municipal, no acervo público, acervo da Secretaria da Cultura, Secretaria do Meio Ambiente, Secretaria do Planejamento e Urbanismo e Secretaria da Educação na Prefeitura Municipal de Uberlândia. Foi feito também um levantamento junto ao Centro de Operações Policiais Militares (COPOM) sobre o índice de criminalidade dos bairros, entrevistas com presidentes das Associações de Moradores com administração de algumas que trabalham com projetos sociais no bairro. O objetivo era descobrir como se dava a relação entre as escolas e seu entorno, sua comunidade.

Quanto aos mapeamentos das estruturas físicas das escolas, analisamos seus espaços disponíveis para atividades, as condições das salas de aula, das cantinas, lanchonetes, laboratórios de ciências, matemática e informática, bibliotecas, salas de mídia e anfiteatros, incluindo os recursos educacionais e outros espaços de ensino-aprendizagem (áreas verdes, quadras, áreas de recreação, estacionamento, entre outros). Realizou-se também um levantamento acerca dos recursos humanos da escola, o número de docentes distribuídos por disciplina e por turno (matutino e vespertino), situação contratual; número de discentes distribuídos por turno e salas, relação de gênero e etnia, origem do aluno (bairro em que reside), índice de repetência, dependências, transferências e evasões, além da composição administrativa e funcional da escola.

Foi realizado também aplicação de questionários para os estudantes com objetivo de obter maiores informações sobre os alunos da escola. Continha perguntas de caráter socioeconômico, como situação financeira (renda familiar) e de moradia, questões raciais, preferência de temas para atividades, entre outras questões. Os dados obtidos foram quantificados, tabulados e expressos em gráficos que serviram como suporte para que o grupo pudesse entender melhor a realidade dos alunos e quais seriam suas maiores demandas por atividades. Contudo, não só as respostas foram alvo das atividades, mas também a comunicação diária com os estudantes, que possibilitou um diagnóstico. Conforme Zaluar (2004) é necessário ir além de

dados quantitativos para que se possa obter um verdadeiro perfil do pesquisado. Desse modo, todas elas foram pensadas com base no interesse dos estudantes e também em relação com a área das Ciências Sociais.

Através desses mapeamentos e do questionário, pôde-se conhecer melhor a realidade escolar e dos alunos, atentar para suas necessidades e assim, planejar as atividades que seriam realizadas, buscando as várias maneiras de estudantes universitários e estudantes secundaristas se relacionarem, a fim de obter bom convívio e interlocução dialógica, conforme aponta Cardoso de Oliveira (1996). As atividades que serão elencadas são resultado do desenvolvimento do PIBID, juntamente com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Quando o campo é a Escola: A inserção do PIBID-Sociologia na EEBJP

O presente tópico tem o objetivo de apontar o encontro do Subprojeto Sociologia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com Escola Estadual do Bairro Jardim das Palmeiras (EEBJP) de Uberlândia da rede estadual de Minas Gerais, no período de 2010 a 2012. Para se ter a real compreensão do funcionamento desse pequeno universo escolar, o PIBID buscou fazer uso de métodos de observação que permitiu um intenso contato com os alunos na EEBJP. Enquanto bolsista naquele período tivemos que estabelecer um estranhamento de um universo que constitui uma rotina *familiar* (VELHO, 1978). Romper emocionalmente e confrontar o drama social que é experimentado e vivido cotidianamente pelos sujeitos que produzem sentido e estabelece uma relação de pertencimento na Escola, exige um confronto intelectual e um domínio pleno de método das Ciências Sociais que auxiliou na construção de ações e teve o intuito de estimular a reflexão e produzir uma problematização da rotina dos estudantes.

O aspecto familiar apontado por Velho (1978) reflete a proximidade do tema o qual é tão próximo e imbricado a experiência íntima do pesquisador, e por sinal pode ser encarado como uma dimensão naturalizada. Analisar e transmitir esse domínio íntimo e imponderável da vida social seria uma “viagem

vertical” como DaMatta (1978) havia ressaltado, ou seja, é algo que apenas ocorre na cabeça do pesquisador, uma viagem xamânica. De acordo com Favret-Saada (2005) e reiterando DaMatta (1978), atingir esse domínio da “viagem vertical” é, contudo, ocupar um lugar, ou seja, instruir-se do outro e modificar o *quantum* de imagens e sentidos que o parceiro oferece na mobilização da situação. “O ser afetado”² de acordo com Favret-Saada (2005), seria no limite, ocupar um lugar carregado de expectativas e frustrações e não, pelo contrário, se colocar na condição ou no lugar do outro.

A questão não é justamente buscar a empatia do outro, Goldman (2005) aponta a contribuição metodológica feita por Favret-Saada (2005), sendo que o investigador em campo não está à procura, apenas, de perguntas e respostas, que revelará, talvez, uma superficialidade. Estar em campo de acordo com Goldman (2005) é saber que o tempo que se passa entre os sujeitos da pesquisa é um tempo que deve ser compreendido com uma instância de relação social. Nesse processo, múltiplas intensidades resultantes passam a conter o contexto que o pesquisador buscará entender a partir da fala dos gestos e práticas dos sujeitos na escola.

O ser afetado método etnográfico de investigação não consiste em uma operação cômoda e racional de empatia realizada pelo antropólogo acostumado a uma operação intelectual a que anseia o “entendimento”. Ser afetado é assumir os riscos, ver de uma hora para outra sua pesquisa se desfazer. Favret-Saada (2005) aponta justamente essa situação de agitação e de sensação inimaginável provocada em campo, mudanças de percepção cujo estoque de imagens de determinado grupo social é modificado, pois estamos lá, no lugar do nativo. Esse lugar nos comunica uma linguagem, um *quantum* de experiência que dá ao pesquisador a possibilidade de aprender e entender como o projeto do nosso conhecimento produz um sistema de representação da realidade.

² Segundo Favret-Saada o ser afetado consiste no exercício do próprio etnógrafo em experimentar pessoalmente as práticas dos sujeitos almejados, buscando nesse sentido, as formas de comunicação, porém não sendo aquela estabelecida pela ciência, pois a participação é um instrumento de conhecimento. Estar afetado é “modificar meu próprio estoque de imagens, sem contudo instruir-me sobre aquele dos meus parceiros” (Favret-Saada. 2005 p. 159).

O teatro como estratégia e laboratório etnográfico.

A proposta da oficina teatral realizada no EEBJP teve uma duração de 6 meses no ano de 2010. O objetivo de construir um espaço com atividades semanais e semiestruturadas onde um conjunto de estímulos temáticos foram trabalhados, temas como: sexualidade, gênero, trabalho, família, religião e violência estiveram no fulcro das ações desenvolvidas nos encontros. O teatro para o PIBID – Ciências Sociais constitui um espaço de representação e dramatização social, pois os alunos têm a oportunidade, através dos eixos temáticos de expressar e representar as suas vivências e dramas cotidianos. Ao longo do processo teatral, estabelecemos um vínculo de proximidade com os alunos envolvidos na ação. A conexão proporcionada entre bolsista PIBID e alunos da EEBJP tornou possível colher um conjunto de *afetos* e experiências que não estivesse circunscrito apenas a entrevistas estruturadas de perguntas e respostas que reduzisse a complexidade dos sujeitos que resinificava e produzia o espaço escolar.

Todas as atividades lúdicas foram finalizadas com rodas de conversar e debates. Nos diálogos direcionados pelos *PIBIDianos* colhemos as informações que contribuiu na compreensão do papel da Escola na comunidade do Bairro Jardim das Palmeiras. O desenvolvimento da oficina teatral permitiu o rompimento da superficialidade entre bolsista e estudante, instituiu um vínculo de *afetos* (FAVRET-SAADA, 2005), pois o tempo de atividade transcorreram um *quantum* de experiência e relações sociais. O afeto em campo permite que os sujeitos possam “*falar e ouvir a sua própria língua*” (MAGNANI, 2000. p. 30). O afeto que é produzido pela estratégia etnográfica, inteirando Magnani (2000, p 31), permite “...*através de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem a rede básica de sociabilidade*”.

A vantagem que obtivemos da oficina teatral possibilitou um diálogo mais aberto em relação aos alunos, nesse sentido tiveram a oportunidade de ocupar o espaço escolar, para que eles manifestassem, as opressões que os cercavam. As evidências observadas em campo permitiu compreender o estado de depredação da Instituição Escolar e a ausência de identificação por parte dos alunos com relação ao espaço de ensino. Naquele ano de 2010 a

escola não mantinha uma relação de proximidade com a comunidade. A justificativa da Direção era que a escola deveria se manter fechada, pois havia o risco eminente da violência atingir os estudantes. Por outro lado, o fechamento de um espaço público que pertence a comunidade contribui na relação estranhada que muitos alunos mantiveram com escola. Isso refletiu na depredação de muitos equipamentos da escola como carteiras destruídas, ventiladores roubados e destruídos, parede com “pichação” com frases violentas que desqualificava o espaço e não estimulava o cuidado e a construção de um lugar comum.

A inserção do PIBID na escola e a sua permanência no EEBJP gerou uma condição relacional no espaço escolar, isto é, a densidade provocada pelo tempo da permanência gerou um afeto. O afeto não é a condição de se colocar na condição de ou na situação do outro, porém corresponde estabelecer o princípio de que o programa passou a ocupar um espaço de vivência do EEBJP, nesse sentido, há expectativas e créditos de confiança por parte dos recursos humanos da escola no que tange a nossa presença.

“O ser afetado” proposto Jeanne Favret-Saad (2005), enquanto método antropológico vem ao encontro da realidade escolar, entretanto a simples aplicação de tal perspectiva não atingia o bom andamento do trabalho, visto que o anseio não é por si só promover a observação participante, porém é atingir uma participação afetada.

Cabe salientar, que descrever simplesmente os sujeitos sociais não conseguiríamos atingirmos as formas verbais e não verbais das linguagens; o que tornaria inválido o procedimento em campo. Pois cada interação feita no universo escolar prescreve uma expectativa sendo ela variável de acordo com a posição hierárquica do indivíduo, e, essa relação variável de aluno, professor, diretor, comunidade etc. fundamenta uma condição dialeticamente relacional.

A condição dialética e relacional no que delinea a direção, professores, alunos etc. se prescreve na expectativa do programa PIBID/Sociologia, situação que a princípio não existia, visto que muitos projetos externos que passaram pelo EEBJP trouxeram ou produziram uma má impressão, ou simplesmente queriam aproveitar do espaço escolar para atingir um fim específico no qual o universo escolar não se beneficiaria. Grande parte das reclamações constatada por nós, eram manifestações ressaltando a falta de

engajamento que ações de projetos e iniciativas passadas produziam na escola, ou seja, as iniciativas produziam uma impressão de entusiasmos na escola, porém elas não mantinham uma continuidade, sendo interrompidas subitamente. Em decorrência desses fatores e estigma do PIBID só foi possível com a constante persistência e contato com a instituição de ensino.

Inserção do PIBID na EEALBA

Durante um ano e meio em que o PIBID de Sociologia esteve presente na EEALBA foram desenvolvidas diversas atividades envolvendo os métodos da sociologia, antropologia e ciência política, como cine debates, palestras, visitas a museus, minicursos, mostra cultural, grupo de estudos e exposições iconográficas baseadas em discussões sociológicas. As temáticas abordavam o preconceito étnico racial e indígena, sexualidade e gênero, dificuldades de inserção no mercado de trabalho, conscientização que o modo de fazer política no país gera no cotidiano de todo cidadão, gravidez e doenças sexualmente transmitidas na adolescência, entre outras.

No que se refere à atividade de cine debates, tivemos diversos filmes, documentários e curta metragens, como “E a vida continua”, “Os filhos do paraíso”, “Eu não quero voltar sozinho”, “Nem gravata nem honra”, “Pro dia nascer feliz”, entre outros. No que se refere ao primeiro, ele retrata o contexto do surgimento da AIDS e como as pessoas que tiveram os primeiros diagnósticos foram discriminadas pela sociedade. Ela estava associada a homossexuais e era vista como punições divinas então começaram a surgir termos como “peste gay” e “câncer gay”. Eni Leide C. Silva (1991) em seu projeto de pesquisa sobre a questão da AIDS e do preconceito enfatiza que:

O processo de categorização envolve os estereótipos sociais, que são atribuições de características gerais a grandes grupos. Introduzem simplicidade e ordem onde existe complexidade e uma variação quase aleatória. Podem transformar diferenças menos claras entre os grupos em diferenças mais nítidas, ou criar novas diferenças onde não existem nenhuma. Se um indivíduo é preconceituoso, investe emocionalmente na preservação das diferenciações entre o seu próprio grupo e os outros. (SILVA, 1991, p. 4)

Nesse sentido, com a exacerbação das diferenças entre os grupos sociais e com a reprodução dos termos citados, a sociedade se sentia ameaçada não só pelos homossexuais, mas também por usuários de drogas injetáveis e prostitutas. Apoiaram-se na concepção de doença contagiosa, incurável e mortal. Essa forma de representá-la serviu para mobilizar sentimentos e preconceitos arraigados que evocaram comportamentos e políticas discriminatórios, principalmente em relação aos grupos supracitados.

O resultado esperado dessa atividade era mostrar como o preconceito contra os soropositivos só reforça ainda mais a exclusão econômica e social já existente na sociedade, pois se torna difícil a inclusão dos mesmos perante as barreiras impostas. Os estudantes ficaram sensibilizados com a questão e assim puderam refletir e questionar o que realmente a doença e o que foi e ainda é reproduzido erroneamente sobre ela.

No filme e curta metragem que retrataram a questão do gênero e da sexualidade, como “Nem gravata nem honra” e “Eu não quero voltar sozinho”, foram apresentadas aos alunos por meio de slides, as categorias centrais de gênero na sociologia e a diferença entre elas, enfatizando que se faz necessário não só a percepção da realidade, mas também o conhecimento teórico, o qual possibilita um aprofundamento do assunto. Procurou-se estabelecer um debate com os alunos, a partir de suas experiências cotidianas e ao mesmo tempo mesclar dados sociológicos sobre as situações concretas que se apresentaram, e que mostram a importância da sociologia nas diversas faces da realidade.

De acordo com Lourdes Bandeira e Analía Soria Batista (2002), o preconceito contra grupos marginalizados incorporado nas relações sociais é o maior reprodutor da exclusão e da discriminação, gerando violência. Deve-se respeitar o reconhecimento dos grupos discriminados, pois na medida em que a diferença recebe atribuições negativas, há construção de uma sociedade desigual, sem pluralidade entre os membros, gerando a instauração da violência, materialmente e simbolicamente.

O resultado do cine debate foi bastante satisfatório, sendo o desfecho uma construção de conhecimento conjunta que edificou o debate e a proposta inicial da oficina. Por ser a oficina uma demanda inicial da escola e de bastante interesse por parte dos alunos, e tendo em vista que a sociedade reproduz

modelos e padrões, o objetivo era desconstruir e a revelar os tabus e os preconceitos apresentando a realidade de forma clara, pois ele se apoia no reconhecimento pelas aparências, se opõe a características relacionadas à experiência do ser e ao caráter. O preconceito pode ser sutil, constante e muito presente em grande parte das relações sociais e também em situações de dominação e controle. Assim, ele se torna produtor e reproduzidor de atos de violência física e psicológica, nas humilhações, controle, intimidação, desqualificação, entre outras. (BANDEIRA; BATISTA, 2002)

Há uma necessidade por parte dos alunos de falar e se informar sobre assuntos que deveriam ser esclarecidos, mas que muitas das vezes são silenciados tanto em casa como no ambiente escolar. Desse modo, o PIBID oferece um espaço para debate que corrobora para suprir as demandas de assuntos que por vários motivos, não são abordados e debatidos em sala de aula.

Sob a temática “Política e Ideologia na sociedade atual”, realizou-se uma oficina que teve por escopo abordar da forma mais dinâmica possível os temas sobre política e ideologia, tentando desmistificar com os alunos a ideia de que o assunto “política” consiste em algo inteligível, tedioso e distante da realidade. Para isso, foram selecionadas para discussão as duas grandes questões básicas da política: o que é política e o que é ideologia. Para essa discussão, foi utilizado o conceito de política do autor Norberto Bobbio (2000) e como se deu sua expansão. Para ele, a política é uma forma de poder e está presente em todas as esferas da vida social. O poder possui algumas tipologias e o que o faz perdurar é o consentimento da sociedade.

Enfatizou-se que o ato da participação consiste numa condição humana, da qual nenhum cidadão está livre de se encontrar, sendo que, a política e as relações de poder não se restringem apenas à esfera estatal: estão disseminadas por todas as relações cotidianas do homem. Sendo assim, por diversos exemplos, procuramos mostrar que todos nós, independentes de classe social, cor, gênero, entre outros, somos sujeitos políticos capazes de modificar nosso ambiente. Um dos exemplos mais veementes dessa participação popular consiste nas épocas de eleição, quando o cidadão é chamado a dar seu voto no candidato de escolha para assim exercer seu “papel de cidadão”. Porém, muita das vezes, depois de escolhidos os

representantes pelo voto, as pessoas se esquecem de que detêm do direito de lhes cobrar ações, questionar medidas e contrapor ideias.

Para discutirmos a questão da ideologia indagamos aos alunos a opinião deles sobre este termo e logo após, explicamos baseando em Bobbio (2000) e Antônio Gramsci (2000). Utilizamos este também, para explicar hegemonia, que segundo ele consiste no domínio de uma classe social sobre outras, em destaque da burguesia com as classes trabalhadoras. Desse modo, as classes dominadas aceitam a cultura imposta pelas classes dominantes, seja na conjuntura política, econômica e social.

Tendo em vista que a mídia atua hegemonicamente, ela seleciona e vincula os temas favoráveis a si próprias e a seu bel-prazer – seja que para isso precise propagandear o Estado, determinados partidos, programas governamentais, enfim, ações de inúmeras naturezas – “escondendo” aquilo que lhe convém e deturpando, muitas vezes, informações que chegam ao telespectador de maneira bem diferente da realidade, transmitindo uma ideologia que, para ela, configura uma disseminação de hegemonia.

Diante dessa exposição, perguntamos aos estudantes: a sociedade civil pode interferir nessa hegemonia de ideologia imposta pela classe dominante? Como fazê-lo? Primeiramente responderam que não, que os cidadãos comuns não possuem esse poder. No entanto, com exemplos de propagandas e vídeos que utilizamos para ilustrar diferentes situações, e utilizando de exemplos cotidianos como a luta dos professores em greve, luta dos estudantes pela educação, congressos nacionais que refletem sobre demandas sociais, entre outros, Demonstrou-se que mesmo que pareça muito pequeno, um ato simples de um cidadão pode modificar a consciência de muitos, e que isso já significa uma disputa pela hegemonia com o Estado.

Considerações finais

Uma metodologia pensada e articulada juntamente com os atores envolvidos possibilita um resultado satisfatório para todos os sujeitos. O PIBID Sociologia tentou, através de sua inserção nas duas escolas públicas inseridas neste trabalho corroborar para a experiência docente. O método das Ciências Sociais contribui para a construção de novas estratégias que auxilia no processo de ensino e aprendizagem, isto é, criando novas soluções para compreender e intervir no universo educacional.

Referências

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Anália Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista de Estudos Feministas**, vol 10, n. 1 / 2002 – Florianópolis: UFSC, 2002.

BOBBIO, Norberto. **Teoria Geral da Política**: a filosofia política e as lições dos clássicos. Tradução de Daniela Beccaccia Versiani. 11. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, vol. 39, n. 1, pp. 13-37, 1996

DAMATTA, Roberto. O ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues” In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A Aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

FAVRET-SAADA, Jeanne. ‘Ser afetado’. In: **Cadernos de Campo**, ano 14 número 13, pg 155-161 2005. Disponível: http://www.fflch.usp.br/da/cadcampo/ed_ant/revistas_completas/13.pdf. Acesso em 01 de jul. 2017.

GRAMSCI, Antônio. **Gramsci em Turin: a construção do conceito de hegemonia**. São Paulo: Xamã, 2000

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. In: **Cadernos de Campo**, ano 14 número 13, pg 155-161 2005. Disponível: <http://www.fflch.usp.br/da/cadcampo/ed_ant/revistas_completas/13.pdf.> Acesso em 01 de jul. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade - o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L. et.al. (org). **Corpo, gênero e sexualidade - um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C; TORRES, Lilian de Lucca (org). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo, EDUSP; FAPESP, 2000.

SILVA, Eni Leide S. **Aids e preconceito. Uma abordagem psicossocial**. Pontifca Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). **A Aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

ZALUAR, Alba. Teoria e prática do trabalho de campo: alguns problemas. In: CARDOSO, Ruth C. L. (org.) **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.